

Interpretação semântica e/ou pragmático-discursiva de sujeitos na aquisição de português L2*

Ana Madeira, Maria Francisca Xavier & Maria de Lourdes Crispim

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

This paper seeks to contribute to the ongoing debate on the status of different interface properties in interlanguage grammars, by investigating the acquisition of interpretative properties of pronominal subjects in finite and inflected infinitival contexts, by advanced L2 learners of European Portuguese. The results of the two studies reported in this paper appear to lend support to the hypothesis that properties at the interface between the grammar and pragmatics may be more vulnerable to developmental delays than properties relevant to the syntax-semantics interface, but no evidence was found to indicate that they may be more susceptible to L1 influence.

Keywords: second language acquisition, semantics, pragmatics, subject, inflected infinitive.

Palavras-chave: aquisição de segunda língua, semântica, pragmática, sujeito, infinitivo flexionado.

1. Introdução

Investigação recente na área da aquisição de segunda língua (L2) tem demonstrado que propriedades sintáticas são mais fáceis de adquirir que propriedades que estão na interface entre a sintaxe e outros módulos da gramática como, por exemplo, a semântica,

* Agradecemos aos professores do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pela colaboração prestada na recolha de dados, bem como a todos os estudantes que participaram no estudo. Agradecemos ainda a Ana Fernandes, André Mafra, David Monteiro e Nuno Rendeiro, pela sua assistência na recolha, transcrição e análise dos dados. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto PPCDT/ LIN/62214/2004 – Morfologia e Sintaxe na Aquisição de L2.

ou outros domínios cognitivos como, por exemplo, a pragmática (Hipótese da Interface – Sorace & Filiaci, 2006). Existe, simultaneamente, um amplo debate sobre o estatuto das diferentes propriedades de interface, fruto de evidência empírica que sugere que, por exemplo, propriedades na interface entre a gramática e a pragmática, ou seja, propriedades na interface com sistemas cognitivos externos, poderão ser mais vulneráveis e susceptíveis de atrasos no desenvolvimento que, por exemplo, propriedades relevantes para a interface sintaxe-semântica, ou seja, propriedades que envolvem apenas módulos internos à faculdade da linguagem (Tsimpli & Sorace, 2006; White, 2007).

Apesar da existência de evidência abundante a favor desta hipótese, a situação parece ser ainda mais complexa. Um número crescente de estudos tem mostrado que algumas propriedades da interface sintaxe-semântica podem também estar sujeitas a dificuldades de desenvolvimento (Bruhn de Garavito & Valenzuela, 2008, e.o.), enquanto algumas propriedades na interface gramática-pragmática parecem não apresentar problemas significativos (Ivanov, 2009, e.o.).

Diferentes explicações têm sido propostas para o desempenho não nativo exibido nestes domínios por aprendentes em estádios muito avançados de aquisição: alguns autores atribuem-no a défices permanentes das representações, que afectam áreas específicas da gramática (por exemplo, Hawkins & Chan, 1997), enquanto outros o explicam em termos das estratégias computacionais menos eficientes utilizadas pelos falantes não nativos (por exemplo, Prévost & White, 2000) ou da influência da língua materna (L1) (ver, por exemplo, Sorace, 1993). Não é claro, porém, se cada um destes factores poderá afectar selectivamente diferentes domínios da linguagem ou se, afectando-os a todos de igual modo, poderá exercer efeitos diferenciados em diferentes domínios.

No âmbito deste debate, as questões que nos propomos explorar neste artigo são as seguintes:

(a) as propriedades que estão na interface entre a gramática e a pragmática serão, de facto, mais difíceis de adquirir que propriedades na interface entre a sintaxe e a semântica?

(b) será que a influência da L1 afecta a aquisição de diferentes tipos de propriedades gramaticais e pragmáticas de igual forma ou haverá determinadas propriedades mais susceptíveis de serem influenciadas pela L1 dos aprendentes?

As propriedades interpretativas dos sujeitos em português constituem um terreno ideal para investigar o estatuto de diferentes propriedades de interface, dado que a interpretação de sujeitos em contextos finitos obedece a condições pragmático-discursivas, enquanto a interpretação de sujeitos em contextos infinitivos flexionados é determinada por propriedades sintácticas e semânticas, que os distinguem dos sujeitos nulos das orações infinitivas não flexionadas. Estudos sobre a aquisição de sujeitos nulos têm observado um desenvolvimento tardio das propriedades pragmático-discursivas que determinam a distribuição de sujeitos nulos e expressos em línguas de sujeito nulo, em aprendentes em estádios avançados de aquisição, independentemente da sua L1. Dada a hipótese de que as propriedades semânticas são adquiridas mais rapidamente que as propriedades discursivas,

prediz-se uma assimetria na aquisição das propriedades interpretativas dos sujeitos em contextos finitos e em contextos infinitivos flexionados. Esta hipótese é confirmada por estudos sobre a aquisição de infinitivos flexionados em português brasileiro (PB), que observam uma aquisição plena das propriedades semânticas relevantes. Neste artigo, propomo-nos contribuir para este debate, investigando o conhecimento de aprendentes de português europeu (PE) L2, em estádios avançados de aquisição, das propriedades interpretativas de sujeitos finitos e infinitivos flexionados.

Os participantes nos estudos descritos neste artigo são estudantes universitários, com idades entre 18 e 30 anos, residentes em Portugal por um período entre seis meses e um ano, que aprenderam português em contexto formal e que se encontravam, no momento dos estudos, a frequentar um curso de português como língua estrangeira. Todos os aprendentes foram avaliados como estando no nível avançado, de acordo com um teste de posicionamento em nível.

2. Propriedades interpretativas dos sujeitos pronominais

2.1. Em contexto de infinitivo flexionado

Ao contrário das outras línguas românicas (com excepção do galego, do sardenho e de alguns dialectos do italiano), o português caracteriza-se por possuir dois tipos de infinitivos: um infinitivo impessoal, que não possui flexão de concordância e não ocorre com sujeitos nominativos, e um infinitivo flexionado, que, à semelhança das formas verbais finitas, apresenta morfologia de concordância de pessoa e número e legitima sujeitos nominativos (1).

(1) (eu) falar / (tu) falares / (você/ele/ela) falar / (nós) falarmos / (vocês/eles/elas) falarem

Embora ambos os tipos de infinitivos ocorram exclusivamente em orações subordinadas não introduzidas por um complementador, o infinitivo flexionado apresenta uma distribuição mais limitada que o infinitivo impessoal, estando restrito a determinados contextos¹. Além disso, o sujeito da oração infinitiva flexionada possui propriedades interpretativas diferentes das que caracterizam o sujeito da oração infinitiva não flexionada correspondente (em contextos de controlo obrigatório): por exemplo, não necessita de um antecedente que o c-comande, como se evidencia em (2); permite antecedentes descontínuos (3); e, em estruturas de elipse, o sujeito do infinitivo flexionado permite

¹ As orações infinitivas flexionadas só podem ocorrer em posição de sujeito, de adjunto, como complemento nominal e adjectival ou como complemento de certos tipos de verbos – declarativos e epistémicos, factivos, perceptivos, causativos, verbos de controlo de sujeito transitivos e verbos de controlo de objecto –, estando excluídas da posição de complemento de outros tipos de verbos e de contextos interrogativos e relativos.

uma interpretação de identidade estrita, ao contrário do que acontece com o sujeito do infinitivo não flexionado (4)².

- (2) a. [Os pais do Paulo]_j_k lamentam PRO_{k/*j} chegar tarde
 b. [Os nossos_j pais] lamentam pro_j chegarmos tarde
 (exemplo de Pires, 2001:106)
- (3) a. Eu_j convenci a Maria_k a PRO_{k/*j+k} viajar com o Paulo
 b. Eu_j convenci a Maria_k a pro_{j+k} viajarmos com o Paulo
 (exemplo de Pires, 2001:110)
- (4) a. O Paulo_j lamenta PRO_{j/*k} ter perdido e a Sílvia também (= lamenta que ela própria tenha perdido)
 b. O Paulo_j lamenta pro_k termos perdido e a Sílvia também (= lamenta nós termos perdido)
 (exemplo de Pires, 2001:108)

De acordo com Pires (2001), os infinitivos flexionados apresentam propriedades de controlo não obrigatório. De facto, as propriedades interpretativas ilustradas nos exemplos acima são precisamente as propriedades que caracterizam os sujeitos pronominais em contextos finitos, como se observa nos exemplos correspondentes em (5-7) abaixo.

- (5) [Os nossos_j pais] lamentam que pro_j cheguemos tarde
 (6) Eu_j convenci a Maria_k a que pro_{j+k} viajássemos com o Paulo
 (7) O Paulo_j lamenta que pro_k tenhamos perdido e a Sílvia também (= lamenta que nós tenhamos perdido)

Pesquisa sobre a aquisição de infinitivos flexionados, quer em PB (Pires & Rothman, 2009) quer em PE (Pires, Rothman & Santos, 2009), sugere que estes se desenvolvem tardiamente em aquisição de L1. Os estudos existentes sobre a aquisição de L2 do infinitivo flexionado centram-se sobre o PB (Rothman & Iverson, 2007; Iverson & Rothman, 2008; Rothman, 2009). Rothman & Iverson, (2007), por exemplo, investiga a aquisição, por aprendentes adultos de nível avançado, falantes nativos de inglês e falantes bilingues de inglês e espanhol, de algumas propriedades sintáticas e semânticas do infinitivo flexionado, concluindo que os aprendentes distinguem entre os dois tipos de infinitivos e demonstram conhecimento das propriedades que caracterizam as formas flexionadas, sem vantagem aparente do grupo bilingue, falante de espanhol, uma língua de sujeito nulo. Rothman (2009), por seu turno, demonstra que os aprendentes distinguem igualmente entre infinitivos flexionados e formas finitas, e evidenciam conhecimento das diferentes restrições sobre movimento de sujeitos em orações infinitivas flexionadas e não flexionadas. Em suma, os estudos realizados, até ao momento, sobre a aquisição de infinitivos flexionados em PB observam uma aquisição plena das propriedades

² Embora Pires (2001) se refira, de modo geral, ao contexto ilustrado em (4) como um contexto de elipse, trata-se, na verdade, de uma estrutura de despojamento (agradecemos ao avaliador anónimo que chamou a nossa atenção para este facto).

morfológicas, sintáticas e semânticas relevantes, sem efeitos aparentes de influência da L1.

2.2. Em contexto finito

Em línguas de sujeito nulo, como é o caso do PE, sujeitos pronominais nulos e expressos não ocorrem em variação livre, obedecendo a sua distribuição a condições pragmático-discursivas bem definidas. Assim, limitando-nos exclusivamente a contextos intra-frásicos, verifica-se que os sujeitos pronominais nulos manifestam uma preferência por antecedentes mais proeminentes no contexto discursivo que os sujeitos pronominais expressos – por exemplo, o sujeito pronominal da oração subordinada em (8) é preferencialmente interpretado como sendo co-referente com o sujeito da matriz, quando não realizado, e preferencialmente interpretado como introduzindo um referente distinto do sujeito da matriz, quando realizado.

(8) O João_i jantou quando pro_{i?j} / ele_{?ij} chegou a casa

Esta assimetria entre sujeitos pronominais nulos e expressos é explicada por Carminati (2002) através da Hipótese da Posição do Antecedente (“Position of Antecedent Hypothesis”), de acordo com a qual, em contextos intra-frásicos, pro selecciona preferencialmente antecedentes em posição de SpecIP, enquanto sujeitos pronominais expressos tendem a seleccionar antecedentes noutras posições³.

Contudo, esta tendência pode ser invertida, dados certos factores. Por exemplo, em frases como (9) é possível omitir o sujeito de 1ª pessoa, apesar de introduzir um referente distinto do sujeito da matriz, uma vez que o sujeito é recuperável, não ambigualmente, a partir da flexão verbal, e apresenta traços de pessoa incompatíveis com os do sujeito da oração matriz.

(9) O João_i jantou quando pro_{*ij} / eu_{*ij} cheguei a casa

O mesmo acontece se o contexto discursivo favorece uma interpretação que contraria as preferências representadas pela Hipótese da Posição do Antecedente. Em (10) abaixo, uma interpretação em que o objecto da matriz *a irmã* seja interpretado como antecedente do sujeito nulo da subordinada é mais natural (geralmente, quem está em perigo ou fora de perigo é a pessoa que está no hospital, não a pessoa que a visita). De igual modo, em (11) o sujeito *ela* é mais naturalmente interpretado como co-referente com o sujeito da matriz *a Rita* (dado que, geralmente, quando se visita alguém no hospital, é a visita que oferece flores à paciente, e não o contrário).

(10) Quando a Rita visitou a irmã_j no hospital, pro_j já estava fora de perigo

(11) Quando a Rita_i vai visitar a irmã ao hospital, ela_i oferece-lhe sempre flores

³ Esta hipótese aplica-se igualmente à distribuição de sujeitos pronominais em contextos inter-frásicos (ver, para o espanhol, Allonso-Ovalle *et al.*, 2002).

A natureza da oração em que ocorre o sujeito pronominal pode, igualmente, influenciar a realização do sujeito como nulo ou expresso. De facto, existe uma tendência mais acentuada em orações coordenadas que em orações subordinadas para omitir o sujeito em caso de identidade referencial com o sujeito da oração superior, e para o realizar quando é referencialmente distinto do sujeito da oração superior. Contrastem-se as frases em (12) e (13) abaixo com os exemplos (10) e (11) acima.

(12) *?A Rita_i foi visitar a irmã_j ao hospital, mas pro_j já estava fora de perigo

(13) ??A Rita_i foi visitar a irmã_i ao hospital e ela_i ofereceu-lhe flores

Estudos sobre a aquisição de sujeitos nulos têm observado um desenvolvimento mais tardio das propriedades pragmático-discursivas que determinam a distribuição de sujeitos pronominais nulos e expressos em línguas de sujeito nulo (em relação às propriedades morfológicas e sintáticas associadas ao parâmetro do sujeito nulo), mostrando evidência de produção e omissão de sujeitos em contextos discursivamente inapropriados, em aprendentes em estádios avançados de aquisição, independentemente da sua L1 (Pérez-Leroux & Glass, 1999; Sorace & Filiaci, 2006; Margaza & Bel, 2006; Montrul & Rodríguez Louro, 2006; Rothman, 2007; Lozano, 2009; Madeira, Xavier & Crispim, 2009). Em particular, a utilização de sujeitos pronominais expressos em contextos em que um sujeito nulo seria pragmaticamente mais adequado e a ocorrência de erros na interpretação de sujeitos expressos (e, mais raramente, de sujeitos nulos) têm sido atestados, não apenas em aquisição de L2, mas também em domínios tais como atrição linguística e bilinguismo precoce.

Estas tendências têm sido atribuídas quer a estratégias de compensação pelo conhecimento morfológico defectivo (Sorace, 2005), quer a estratégias de processamento específicas a que os aprendentes recorrem, numa tentativa de integrar conhecimento sintático e conhecimento pragmático (Sorace & Filiaci, 2006).

3. Infinitivos flexionados em português L2

3.1. Metodologia

Com o objectivo de testar conhecimento das propriedades interpretativas dos sujeitos nulos em contextos de infinitivo flexionado, foi realizada uma tarefa de compreensão (adaptada de Pires & Rothman, 2009). A tarefa, constituída por 12 itens (e 15 distractores), procurava determinar se os participantes estabelecem uma distinção entre sujeitos de infinitivos flexionados e não flexionados relativamente a duas propriedades de controlo: possibilidade / impossibilidade de antecedentes descontínuos; e interpretação estrita / não estrita em estruturas de elipse. Assim, para cada propriedade, 3 dos itens testavam contextos de infinitivo flexionado e 3 dos itens contextos de infinitivo não flexionado. Em cada item, era apresentada uma frase, seguida de uma pergunta com três

opções de resposta, devendo os informantes escolher apenas uma opção. Apresentam-se abaixo exemplos, retirados da tarefa, para cada uma das condições.

(a) escolha de antecedente em contexto de infinitivo flexionado

- (14) O Leonardo sugeriu à Regina fazerem uma visita ao Kilimanjaro.
Quem é que vai fazer uma visita ao Kilimanjaro?
A. A Regina. **B.** O Leonardo. **C.** O Leonardo e a Regina.

(b) escolha de antecedente em contexto de infinitivo não flexionado

- (15) A Sara não gosta de doces, mas hoje é dia de festa. Por isso, ela aconselhou as irmãs a fazer um bolo de chocolate para o jantar.
Quem é que vai fazer o bolo de chocolate para o jantar?
A. A Sara. **B.** A Sara e as irmãs. **C.** As irmãs da Sara.

(c) interpretação de elipse em contexto de infinitivo flexionado

- (16) Todos os professores do nosso curso nos dão bibliografia em alemão. O professor de Economia julga sabermos bem alemão e o professor de Direito também.
O que é que o professor de Direito pensa?
A. Que o professor de Economia sabe bem alemão. **B.** Que ele próprio sabe bem alemão. **C.** Que nós sabemos bem alemão.

(d) interpretação de elipse em contexto de infinitivo não flexionado

- (17) Três candidatos concorreram a um emprego nos Correios. Dois dos candidatos pensam ter conseguido o emprego, mas o terceiro candidato não.
O que é que o terceiro candidato pensa?
A. Que ele próprio não conseguiu o emprego. **B.** Que os outros dois candidatos não conseguiram o emprego. **C.** Que nenhum dos candidatos conseguiu o emprego.

Dado que se assume que a possibilidade de infinitivos flexionados depende de uma especificação positiva para o parâmetro do sujeito nulo (Raposo, 1987), os participantes no estudo foram divididos em dois grupos: um grupo constituído por 17 falantes nativos de alemão (língua de sujeito obrigatório) e um grupo composto por 17 falantes nativos de espanhol (língua de sujeito nulo). Constituiu-se, também, um grupo de controlo, com 17 adultos, falantes nativos de português europeu. Todos os participantes foram previamente testados, tendo-se confirmado o seu conhecimento da distinção entre infinitivos flexionados

e formas finitas, por um lado, e infinitivos não flexionados, por outro lado, bem como das propriedades morfológicas e sintáticas que caracterizam os infinitivos flexionados.

3.2. Resultados

Os resultados da tarefa de compreensão são apresentados nas figuras 1-2 abaixo

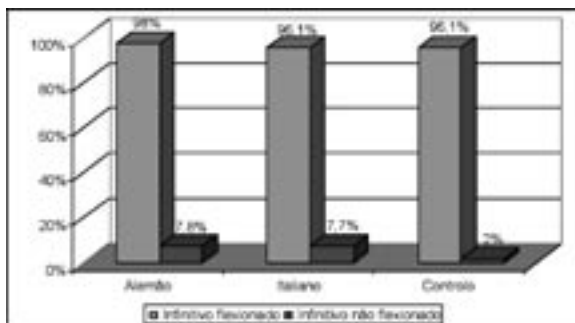


Figura 1: Percentagens de preferência por antecedentes descontínuos

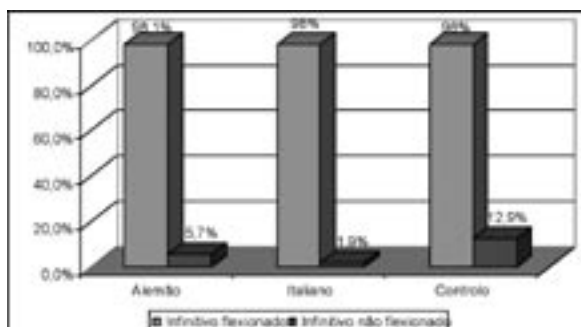


Figura 2: Percentagens de preferência por interpretação de identidade estrita em estruturas de elipse

Os resultados mostram claramente que, no que diz respeito às duas propriedades investigadas, os aprendentes estabelecem uma distinção clara entre infinitivos flexionados e não flexionados. Observa-se que, à semelhança dos falantes nativos, ambos os grupos de aprendentes admitem antecedentes descontínuos para o sujeito do infinitivo flexionado, mas não para o sujeito do infinitivo não flexionado, e manifestam uma preferência muito clara por uma interpretação de identidade estrita em contextos de elipse com infinitivos flexionados, em contraste com infinitivos não flexionados. A evidência demonstra, assim, que os aprendentes desenvolveram pleno conhecimento das propriedades interpretativas específicas dos sujeitos em contextos de infinitivo flexionado.

4. Sujeitos nulos em português L2

As duas tarefas descritas abaixo tinham como objectivo investigar o estatuto de sujeitos pronominais nulos e expressos, em contextos finitos, na gramática de falantes não nativos de EP.

4.1. Tarefa de juízos de preferência

4.1.1. Metodologia

A tarefa de juízos de preferência visava testar a selecção de pronomes em contextos pragmaticamente não ambíguos. Esta tarefa incluía 9 itens de teste (e 15 distractores), 4 com contextos de coordenação e 5 com contextos de subordinação. Para cada item, era apresentada uma frase que estabelecia o contexto, seguida de duas frases, que diferiam apenas quanto à realização do sujeito da oração coordenada/subordinada. Pedia-se aos participantes que escolhessem a frase que lhes parecia mais adequada de acordo com o contexto. 5 dos itens favoreciam uma interpretação de co-referência entre o sujeito encaixado e o sujeito da matriz (ver exemplo em (18) abaixo) e os restantes 4 itens favoreciam uma interpretação de referência disjunta (ver (19)).

(18) Esta tarde as professoras queriam ler uma história.

A. Mas as crianças disseram que elas preferiam brincar.

B. Mas as crianças disseram que preferiam brincar.

(19) Todos os professores acham que o Nuno é muito inteligente.

A. Mas o professor de Biologia acha que ele é preguiçoso.

B. Mas o professor de Biologia acha que é preguiçoso.

Realizaram a tarefa 26 estudantes universitários, tendo sido constituídos dois grupos de informantes: um grupo constituído por 13 falantes de alemão (língua de sujeito obrigatório) e um grupo composto por 13 falantes de italiano (língua de sujeito nulo). Constituiu-se, também, um grupo de controlo, com 13 adultos, falantes nativos de PE.

4.1.2. Resultados

Os resultados revelam algumas diferenças entre os contextos de coordenação e de subordinação (ver tabela 1). Assim, quando o contexto favorece uma interpretação de co-referência entre os dois sujeitos, regista-se uma tendência mais acentuada para omitir o sujeito em estruturas de coordenação que de subordinação (com excepção do grupo de alemão L1, onde não se observa qualquer assimetria)⁴; de igual modo, em contextos que

⁴ Um avaliador anónimo refere que esta assimetria entre grupos não é muito marcada, já que a diferença percentual entre as respostas de sujeitos alemães e italianos é pequena, e sugere que,

favorecem uma interpretação de referência disjunta, verifica-se uma preferência mais forte pelo sujeito expresso em contextos de coordenação que em contextos de subordinação, em todos os grupos.

		Coordenação		Subordinação	
	Antecedente	sujeito	Outro	sujeito	Outro
	Sujeito				
Alemão	nulo	88,5%	3,8%	87,2%	30,8%
	expresso	11,5%	96,2%	12,8%	69,2%
Italiano	nulo	96,2%	7,7%	82,1%	26,9%
	expresso	3,8%	92,3%	17,9%	73,1%
Controlo	nulo	100%	0%	94,9%	7,7%
	expresso	0%	100%	5,1%	92,3%

Tabela 1: Percentagens de preferência por sujeitos nulos e expressos em contextos de coordenação e de subordinação

Considerados globalmente, os resultados evidenciam que os aprendentes estabelecem uma distinção clara entre contextos de co-referência e contextos com sujeitos referencialmente disjuntos, registando-se, em todos os grupos, uma preferência clara por sujeitos nulos em contextos que favorecem um antecedente em posição de sujeito (ver figura 3), e uma preferência, ligeiramente menos marcada, por sujeitos expressos em contextos que favorecem um antecedente distinto do sujeito (ver figura 4). Não se observam diferenças significativas entre os dois grupos de informantes. Em geral, observa-se que os aprendentes têm maior facilidade em aceitar sujeitos nulos que sujeitos expressos nos contextos apropriados, assistindo-se, igualmente, a uma maior aceitação de sujeitos nulos em contextos inapropriados, ou seja, em contextos em que o sujeito introduz um referente distinto do referente do sujeito matriz.

dado o pequeno número de informantes em cada grupo, este tipo de resultado não deva, talvez, ser considerado relevante. Concordamos plenamente com esta observação, considerando que estes resultados precisam de ser corroborados, através da aplicação do teste a uma amostra mais representativa de informantes.

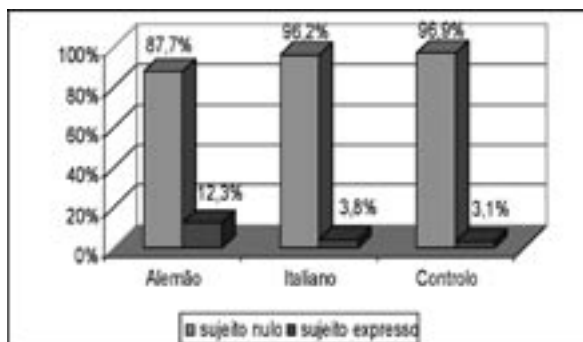


Figura 3: Percentagem média de sujeitos pronominais em contextos que favorecem um antecedente em posição de sujeito

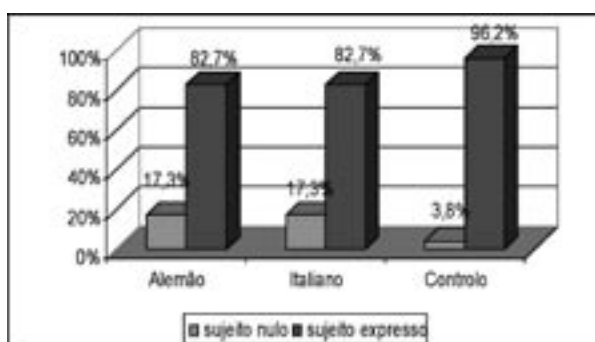


Figura 4: Percentagem média de sujeitos pronominais em contextos que favorecem um antecedente distinto do sujeito

4.2 Tarefa de compreensão

4.2.1. Metodologia

Através desta tarefa de compreensão, procurou-se confirmar as tendências, observadas na tarefa anterior, para a identificação de antecedentes de sujeitos pronominais nulos e expressos, desta vez em contextos pragmaticamente ambíguos. A tarefa era constituída por 10 itens de teste (e 17 distractores), 4 dos quais com contextos de coordenação e 6 com contextos de subordinação, com uma distribuição equilibrada de sujeitos nulos e expressos nas orações encaixadas. Em cada item, era apresentada uma frase, seguida de uma pergunta com três opções de resposta, devendo os informantes escolher apenas uma opção. Vejam-se os exemplos em (20-21) abaixo.

- (20) A Susana escrevia frequentemente à irmã quando vivia nos Estados Unidos.
Quem é que vivia nos Estados Unidos?

A. A irmã da Susana. **B.** A Susana. **C.** As duas.

(21) O Rui telefonava todas as semanas ao irmão quando ele estava a trabalhar na Alemanha.

Quem é que estava a trabalhar na Alemanha?

A. O irmão do Rui. **B.** O Rui. **C.** O pai do Rui.

Realizaram esta tarefa 34 estudantes universitários, divididos em dois grupos: um grupo composto por 17 falantes de alemão (língua de sujeito obrigatório) e um grupo de 17 falantes de italiano (língua de sujeito nulo). Constituiu-se, também, um grupo de controlo, com 17 adultos, falantes nativos de PE.

4.2.2. Resultados

Os resultados apresentam algumas diferenças entre os contextos de coordenação e de subordinação, embora menores que as verificadas na tarefa de juízo de preferência (ver tabela 2). A assimetria mais significativa que se regista refere-se à interpretação de sujeitos nulos pelo grupo de italiano L1, que manifesta uma preferência mais acentuada por uma interpretação de co-referência com o sujeito da matriz em contextos de coordenação que em contextos de subordinação.

		Coordenação		Subordinação	
	Antecedente	Sujeito	Não sujeito	Sujeito	Não sujeito
	Sujeito				
Alemão	subj.nulo	80%	20%	84,3%	15,7%
	subj.expresso	35,3%	64,7%	40,4%	59,6%
Italiano	subj.nulo	91,9%	8,1%	76,8%	23,2%
	subj.expresso	35,9%	64,1%	32,2%	67,8%
Controlo	subj.nulo	97,1%	2,9%	90,6%	9,4%
	subj.expresso	35,3%	64,7%	27,8%	72,2%

Tabela 2: Percentagens de preferência de interpretação para sujeitos nulos e expressos em contextos de coordenação e de subordinação

Os resultados globais são apresentados nas figuras 5 e 6 abaixo. Comparativamente com a tarefa de juízos de preferência, observam-se, nesta tarefa, percentagens mais elevadas de sujeitos pronominais expressos redundantes, não se verificando diferenças significativas entre os dois grupos de aprendentes – 38,4% contra 12,3%, no grupo de alemão L1, e 33,7% contra 3,8%, no grupo de italiano L1. Assim, os aprendentes evidenciam aqui uma maior aceitação do sujeito da matriz como antecedente do sujeito pronominal expresso, continuando, porém, a manifestar uma preferência clara por um antecedente em posição de sujeito para os sujeitos nulos (82,6%, no grupo de alemão L1

e 82,8%, no grupo de italiano L1). Note-se, porém, que estes resultados são semelhantes aos observados no grupo de controlo – neste grupo, o sujeito da matriz é interpretado como antecedente do sujeito pronominal expresso em 31,5% dos casos (contra 3,1% na tarefa de juízos de preferência) e como antecedente do sujeito nulo em 93,1% dos casos.

Também relativamente à escolha de um antecedente distinto do sujeito da matriz para o sujeito expresso se observam diferenças entre os resultados das duas tarefas, tanto nos dois grupos de aprendentes como no grupo de controlo – 61,6% no grupo de alemão L1 (contra 82,7%), 66,3% no grupo de italiano L1 (contra 82,7%), e 68,5% no grupo de controlo (contra 96,2%). Porém, a tendência, já evidenciada na tarefa de juízos de preferência, para uma aceitação de sujeitos nulos em contextos inapropriados, ou seja, em contextos em que o sujeito introduz um referente distinto do referente do sujeito da matriz, aparece aqui confirmada – 17,4% no grupo de alemão L1 e 17,2% no grupo de italiano L1. Novamente, estes resultados contrastam com os do grupo de controlo, que apresenta uma fraca aceitação de sujeitos nulos nestes contextos (6,9%).

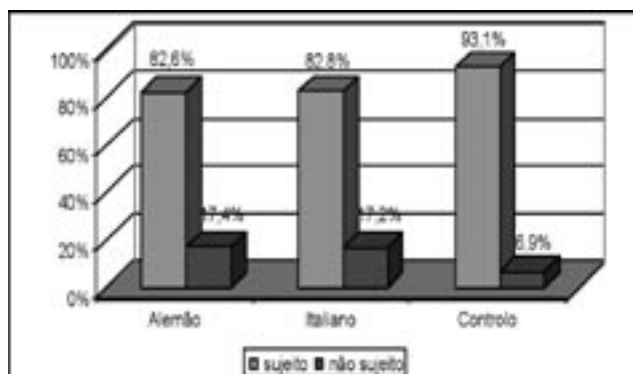


Figura 5: Percentagens de preferência por um antecedente para sujeitos nulos

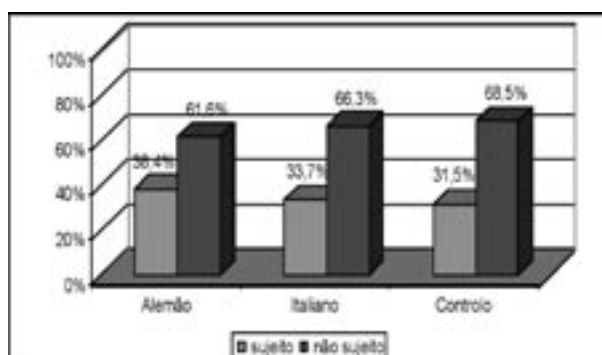


Figura 6: Percentagens de preferência por um antecedente para sujeitos expressos

5. Discussão e conclusões

Uma comparação entre os resultados dos estudos descritos acima revela uma assimetria no desempenho dos falantes não nativos de nível avançado relativamente às propriedades interpretativas dos sujeitos pronominais nos dois tipos de contextos investigados⁵.

Em contextos de infinitivo flexionado, os aprendentes produzem juízos muito próximos dos dos falantes nativos, admitindo antecedentes descontínuos para os sujeitos e permitindo uma interpretação de identidade estrita em estruturas de elipse, estabelecendo, pois, um contraste muito claro entre infinitivos flexionados e não flexionados relativamente a estas propriedades. Estes resultados demonstram que os aprendentes desenvolveram pleno conhecimento das condições sintáticas e semânticas que determinam as propriedades interpretativas dos sujeitos nestes contextos⁶. Além disso, não se observaram diferenças entre os dois grupos de aprendentes, apesar de um dos grupos ser constituído por falantes nativos de italiano, uma língua de sujeito nulo, o que poderia constituir um factor facilitador na aquisição de infinitivos flexionados.

Em contextos finitos, os falantes não nativos apresentam juízos menos próximos dos produzidos pelos falantes nativos, particularmente na interpretação de sujeitos nulos. Assim, em comparação com o grupo de controlo, os aprendentes manifestam, em ambas as tarefas, uma aceitação mais elevada de sujeitos nulos quando o antecedente é distinto do sujeito da matriz, embora os sujeitos nulos sejam preferencialmente interpretados como co-referentes com o sujeito da matriz. Esta aceitação de sujeitos nulos em contextos discursivamente inapropriados tem sido observada em outros estudos (Montrul & Rodriguez Louro, 2006; Rothman, 2007).

Relativamente aos sujeitos expressos, os dois grupos apresentam resultados próximos dos do grupo de controlo, sendo estes sujeitos preferencialmente interpretados como referencialmente disjuntos do sujeito da matriz. No entanto, esta tendência é significativamente menos acentuada na tarefa de juízos de preferência que na tarefa de compreensão, onde se observa uma maior aceitação de sujeitos expressos redundantes, ou seja, sujeitos expressos que ocorrem em contextos de co-referência com o sujeito da matriz. A tendência observada nesta segunda tarefa é corroborada pelos resultados de muitos outros estudos sobre a aquisição destas propriedades em outras línguas românicas. No entanto,

⁵ Embora, como refere um avaliador anónimo, seja de salientar que se observa, em todos os contextos testados, uma convergência com a gramática-alvo.

⁶ É importante salientar, porém, como sugere um avaliador anónimo, que existem outras explicações alternativas possíveis para os muito bons resultados obtidos na tarefa com infinitivos flexionados. No caso da condição de “escolha de antecedente em contexto de infinitivo flexionado”, a escolha de um antecedente descontínuo poderia, por exemplo, reflectir apenas o reconhecimento da morfologia no infinitivo; e, no caso da interpretação de contextos de elipse com infinitivo flexionado, o que poderá estar a ser avaliado é a sensibilidade a um requisito de paralelismo na interpretação da elipse, e não propriamente a interpretação do sujeito do infinitivo flexionado.

o facto de o grupo de controlo apresentar resultados semelhantes aos dos dois grupos de aprendentes, em ambas as tarefas, sugere que estes resultados poderão ser influenciados, de algum modo, pelo tipo de tarefa. O efeito que o tipo de tarefa exerce sobre os resultados acima descritos é, pois, uma questão que necessita de ser melhor investigada.

Uma outra questão que deverá ser igualmente investigada em trabalho futuro refere-se à influência do tipo de contexto na selecção e interpretação de sujeitos nulos e expressos. Assim, como foi referido acima (ver secção 2.2.), as condições que determinam a realização de sujeitos pronominais nulos e expressos em contextos de coordenação e de subordinação parecem ser distintas, o que indica que, ao contrário do que foi feito neste estudo, os dois contextos deveriam ser investigados separadamente.

Embora todos os participantes no estudo tivessem aprendido português em contexto formal, as propriedades que constituem o objecto deste estudo não são ensinadas explicitamente. Apesar disso, independentemente do estatuto da sua L1, não se observaram diferenças significativas entre os dois grupos de aprendentes relativamente a nenhuma destas propriedades – os resultados do estudo indicam que os aprendentes evidenciam conhecimento das propriedades interpretativas dos sujeitos em contextos infinitivos flexionados (e não flexionados), ao mesmo tempo que revelam dificuldades na interpretação de sujeitos nulos em contextos finitos, sugerindo um conhecimento indeterminado destas propriedades. Assim, no que diz respeito às propriedades interpretativas dos sujeitos, os resultados dos dois estudos parecem confirmar a hipótese de que propriedades semânticas e propriedades discursivas têm um estatuto diferente na gramática de interlíngua, observando-se um desfasamento na aquisição destes diferentes tipos de propriedades.

Referências

- Alonso-Ovalle, L., C. Clifton, L. Frazier, & S. Fernández-Solera (2002) Null vs. overt pronouns and the topic–focus articulation in Spanish. *Journal of Italian Linguistics* 14, pp. 151–69.
- Bruhn de Garavito, J. & E. Valenzuela (2008) *Ser* and *estar* in second language acquisition: a matter of aspect. In K. Geeslin & P. Guijarro-Fuentes (orgs.) *Bilingualism: Language and Cognition*.
- Carminati, M. N. (2002) *The Processing of Italian Subject Pronouns*. Dissertação de doutoramento, University of Massachusetts at Amherst, Amherst (Ma): GLSA Publications.
- Hawkins, R. & C. Chan (1997) The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The ‘failed’ functional features hypothesis. *Second Language Research* 13, pp. 187-226.
- Ivanov, I. (2009) Topicality and Clitic Doubling in L2 Bulgarian: A Test Case for the Interface Hypothesis. In M. Bowles et al. (orgs.) *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 17-24.

- Iverson, M & J. Rothman (2008) The syntax-semantics interface in L2 acquisition: Genericity and inflected infinitive complements in non-native Portuguese. In J. Bruhn de Garavito & E. Valenzuela (orgs.) *Selected Proceedings of the 10th Hispanic Linguistic Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 78-92.
- Lozano, C. (2009) Selective deficits at the syntax-discourse interface: evidence from the CEDEL2 corpus. In N. Snape, Y.I. Leung & M. Sharwood Smith (orgs.) *Representational Deficits in SLA Studies in honor of Roger Hawkins*, pp. 127-166.
- Madeira A., M. F. Xavier & M. L. Crispim (2009) A aquisição de sujeitos nulos em português L2. *Estudos da Língua(gem) / Estudos em Aquisição de L1 e L2*, Vol. 7, Nº 2. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brazil, pp. 163-198.
- Margaza, P. & A. Bel (2006) Null subjects at the syntax-pragmatics interface: evidence from Spanish interlanguage of Greek speakers. In M. Grantham O'Brien, C. Shea & J. Archibald (orgs.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 88-97.
- Montrul, S. A. & C. Rodríguez Louro (2006) Beyond the syntax of the null subject parameter: a look at the discourse-pragmatic distribution of null and overt subjects by L2 learners of Spanish. In V. Torrens & L. Escobar (orgs.) *The Acquisition of Syntax in Romance Languages*. John Benjamins, pp. 401-418.
- Pérez-Leroux, A. T. & Glass, W. R. (1999) Null anaphora in Spanish second language acquisition: probabilistic versus generative approaches. *Second Language Research* 15 (2), pp. 220-249.
- Pires, A. (2001) *The Syntax of Gerunds and Infinitives: Subjects, Case and Control*. Dissertação de doutoramento, University of Maryland at College Park.
- Pires, A. & J. Rothman (2009) Acquisition of Brazilian Portuguese in late childhood: Implications for syntactic theory and language change. In A. Pires. & J. Rothman (orgs.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 129-154.
- Pires, A., J. Rothman & A.L. Santos (2009) Inflected infinitives in L1 European Portuguese: A case for intrinsic late acquisition? Comunicação apresentada a *GALA 2009 – Generative Approaches to Language Acquisition*, Lisboa.
- Prévost, P. & L. White (2000) Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement. *Second Language Research* 16 (2), pp. 103-133.
- Raposo, E. (1987) Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.
- Rothman, J. (2007) Pragmatic solutions for syntactic problems: understanding some L2 syntactic errors in terms of pragmatic deficits. In S. Baauw, F. Drijkoningen & M. Pinto (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 297-318.

- Rothman, J. (2009) Knowledge of A/A'-dependencies on subject extraction with two types of infinitives in non-native Portuguese adult bilingualism. *International Journal of Bilingualism* 13, pp. 111-140.
- Rothman, J. & M. Iverson (2007) To inflect or not to inflect is the question indeed: Infinitives in non-native Portuguese. *The Journal of Portuguese Linguistics* 6 (2), pp. 5-30.
- Sorace, A. (1993) Incomplete vs. divergent representations of unaccusativity in non native grammars of Italian. *Second Language Research* 9 (1), pp. 22-47.
- Sorace, A. (2005) Selective optionality in language development. In L. Cornips & K.P. Corrihan (orgs.) *Syntax and Variation. Reconciling the Biological and the Social*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 55-80.
- Sorace, A. & Filiaci, F. (2006) Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research* 22 (3), pp. 339-368.
- Tsimpli, I.M. & A. Sorace (2006) Differentiating interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena. *Proceedings of the Annual Boston University Conference on Language Development* 30, pp. 653-664.
- White, L. (2007) Grammatical theory, interfaces and L2 knowledge. *Comunicação plenária apresentada no Second Language Research Forum - SLRF*, University of Illinois at Urbana Champaign.